

12 XI

( F )

# ENTREMEZ D A FLOREIRA. ACTORES

*Huma Floreira.  
Huma Pixeira.  
Huma Preta.*

*Hum Estudante.  
Hum Maruja.  
Hum Preto.*

*Sabe a Floreira com huma giga, cantando, e o  
Estudante seguindo a*

## CANTA.

*Flor. Quem quer as bellas flores,  
O tecias, ó catquilhos  
Comprei para os amantes  
Hum lindo ramo de  
Que he prenda singular.*

*Est. E CUM: o bella Floreira?*

*Flor. Menino não estou hoje  
Para lhe dar audiencia,*

*Est. Ora deixe estes rigores  
Com quem a adora rendido  
Que he excessão desconforme  
Ter hum genio tão agreste*

*Quem*

( 2. )

Quem tem huma voz tão doce

Que bellos olhos, que lindos !

*Flor.* Ai que a criança quer couves

*Est.* Com ellas couves menina

He criança qualquer homem.

*Flor.* Se quer comprar ramalhetes

Avie, não me demore ?

*Est.* Para dizer lhe a verdade

Quero a flor, que vende as flores.

*Flor.* Não lhe posso dar conversa.

*Est.* Assim queira como pôde

*Flor.* Senhor, não me tome o tempo.

Deixa-me ir embora, ou compre.

*Est.* Para que são tantas pressas

Cuida que o dia lhe foge,

Não tema porque eu lhe juro

Que por ver os repletos

Do teu rosto o sol amante

Vagarozo os passos move

Que o Sol quando vê bellezas

Como nós também he molle.

*Flor.* De bellezas me não trate

Que eu sómente vendo flores.

*Est.* Ora ponha a giga em baixo

Despenderei os meus cobres

Eu ajudo minha vida.

*Flor.* Ai, senhor, não se incomode

Que esta fazenda he mui leve

Se quer rozas de primar

Aqui as tem.

*Est.* O que temo.

He que a moça me envergonhe  
 Pois não trago nem dez reis  
 Para lhe comprar de flores  
 Porém com quatro finezas  
 Talvez que elle se enamore.

*á parte*

*Flor.* Aqui tem trez ramalhees  
 Quer mais?

*Est.* São bellos! Mas note,  
 Como delinatados murxão  
 A' vista das mãos que os colhe  
 Pois junto dessa candura  
 Os jalmins de inveja morrem.

*Flor.* Aqui tem estas cravinas  
 Que talvez não lhe digof em.

*Est.* Cravinas são os seus olhos  
 Com que me n'ata de amores  
 A cujos valentes tiros  
 Rezultir meu bem não pôde  
 Este Escolastico peito  
 Bem que de papéis o forre.

*Flor.* Não me est'ja demorando  
 Ora avie senhor, compre.

*Est.* Não se enfade minha vida  
 Diga como he o teu nome?

*Flor.* Para que?

*Est.* Quero tabello.

*Flor.* E me chama Affonça Gomes  
 Para o servir meu senhor.

*Est.* Que linda graça!

*Flor.* Agradou lhe?

*Est.* Certamente minha vida

Oh quem fora os seus amores

*Flor.* Ai, que o tal Estudantinho

Quer conversar com'igo,

Se não compra os ramalhetes

Deixe-me ir?

*Est.* Ora não obre:

Com quem amante a idolatra

São deshumanos rigores

Veja que isso he ser ingrata,

E amor ingratos não soffre

Que inda que cego, e rapaz

A muitos tem dado a morte.

*Flor.* He cada hum dous vitins,

Se lhe agrada avie compre.

*Est.* Taõ pouco?

*Flor.* Pois o teu brio.

Nesta occasião te mostre.

*Est.* Ai, que não trago dinheiro

Minha menina perdoe

Que a meanhã lhos pagarei.

*Flor.* Porém eu não fio hoje,

Logo eu vi pela postura

Que era Estudante bem pobre.

*Est.* A proza com esta gente

He m'veda que não e irre.

Se quer ver o meu primor

Fie de mim estas flores.

*Flor.* Quer que lho diga cantando

Não quero fiar-me em homens.

*Flor.* Cante que sô por ouvilla

Verei se da mesma sorte.

*ouve.*

*á parte*

*Põe*

( 5 )  
Posso tambem responder-lhe  
Inda que de mim não goste

CANTAMADUO.

*Flor.* Motiva-me a rizo  
Hum pobre Estudante  
Que quer ser amante  
Sem ter hum vinicm.

*Est.* Não seja tiranna  
Venda as lindas Flores  
Não venda as favores,  
Que preço não tem.

*Flo.* Se he pobre não ame.

*Est.* Amor he riqueza.

*Ambas.* Pois de huma belleza  
Se paga o dosdem.

*Acabando de cantar a Floreira, põem a giga á cabeça,  
e fica fallando á parte com o Estudante. e logo  
da outra parte, sabe a Pixeira com a celba á  
cabeça, e o Marujo segundo-a Apregoa a Pea  
xeiro.*

*Pex.* Eu tenho gorazes frescos.

CANTARIA.

Comprai raparigas  
Os bellos gorazes  
Que elles são capazes  
E bons para assar.

*Mar.* Se o pergaõ me não engana

He da Senhora Maria  
Por quem hum homem de amores  
Traza mesma alma cativa.

APREGOA A PIXEIRA.

*Pix.* Eu tenho gorazes frescos  
Quem me chama, ó raparigas.

*Flor.* Menino finezas são  
Palavras encarecidas  
Mas das divas que encham mãos  
Alegraõ os olhos.

*Est.* Menina  
Eu saberei despicar me  
Com primor, e bizzaria.

*Flor.* Vou vender as minhas flores  
Que se me murchaõ na giga.

APREGOA A FLOREIRA.

*Flor.* Quem quer as bellas flores.

*Apparece huma mulher á janella.*

*Mulb.* Menina que vende as flores  
Venha cá

*Flor.* Sim minha vida.

*Est.* Aqui fico esperando  
Arrimado a esta esquina.

*Flor.* Olhe não perca o seu tempo  
Que he a maneira conhecida.

*Entra a Floreira pela porta, e o Estudante fica esperando arrimado a esquina, e a Pixeira apregoa.*

*Pix.*

*Pix.* Eu tenho gorazes frescos

*Mar.* Ditozos olhos que vem  
Os da senhora Maria.

*Pix.* Senhor Manoel he possível,  
Que o torno a ver? O' que dita  
Cuidei que algum tubaraó  
Já engollido o teria.

*Mar.* O' que riquinhas finezas  
Sempre voffe foi mui fina.

*Pix.* Que me trouxe do Brazil?

*Mar.* De melaço huma botija,  
Trez cocos, e huma panella  
Com outras bugiarias  
E para dar por davante  
De marfim huma seringa  
Que póde servir de sceptro  
Ao preste João das Indias.

*Pix.* Viva quem faltar não sabe  
Aos termos da bizarrria.

*Mar.* Cá o homem se quer bem  
Dá com mão larga.

*Pix.* Isto obriga  
Pois de amantes que não dão  
Faço eu sempre zombaria.

*Mar.* Não me ponhan buxexa  
Semelhantes ninharias.

*Pix.* Viva o senhor Manoel  
Quando foi a boa vinda?

*Mar.* Démos fundo na anciada  
Ao amanhecer do dia  
E cheguei a salvamento.

Na impavuzada Quilha  
Para surgir elles braços  
Ouve, senhora Maria.

*Pix.* O' que fizezas ! saudades  
Diga-me tambem as tinha.

*Mar.* Não me falle em soledades  
Que a bolla se me arrepia

Quando da prais arrancamos  
Nos luzcos a agoa fervia  
Fui te Fernambuco

Gotejando pinga a pinga  
Sempre sem poder secalla  
Nem ventos, nem calmaria

Inda agora se me lembro  
Da minha affeição menina  
Sinto batarias nálna

Com o cheiro da marezia.

*Pix.* Pois olhe, nada lhe devo  
A gente de Alfama o diga

Que as minhas desventuras  
Com boca aberta ouvia  
Encontrou-me a tia Brazia.

Em panapuquel hum dia

E vendo-me taõ pezada  
Com tristeza que trazia

Arrancou me estas palavras  
Que na rua tetenião :

Pobre Maria, conta-la  
Da rapariga

Quem te mirrou esta cara ?  
Forão bruxas ? ha Taticia ?

Cançados negros amores  
 Que tanto te martelizaõ  
 Era a moõta huma balea  
 Está feita huma sardinha  
 A' Manoel Manoel  
 Que tu lhe tiraste a vida  
 Agora estaras balhando  
 No Brazil com as mulatinhas:  
*Mar.* Balta Maria desta alma  
 Não me mates ; não me affijas  
 Que de ouyir ella perlenga  
 Tenho no miollo azia  
 Em me prégando o mandato  
 Choro como criancinha.  
*Pix.* Diga Seuhor Manoel  
 Quando veio da Bahia  
 Houve tormenta no mar ?  
*Mar.* Vinha-mos perto da linha  
 Com frechalhaõ sudueste  
 Pouco pano á bolina  
 Eis se não quando da tôlda  
 O mestre nos allobia  
 Dizendo : ferra Gavia  
 Vaõ marinheiros affima  
 Todos ficáraõ amarellos  
 Da tempestade que vinha.  
 Pelas encharcias atrepamos  
 Quando a chuva já cahia  
 E lem calma nos crestava  
 Com grossas , soltas pingas  
 Já das vergas pendurados

**A gente o panno colhia**  
**Quando hum trovaõ espantozo**  
**Com relampago alumea**  
**O negro mar que em carneiros**  
**Berra como coiza viva**  
**Cresce a chuva, cresce o vento;**  
**E nos estaes affobia.**  
**O Capellaõ, e Secretario**  
**Foi cantar a Ladainha**  
**Quando da prôa nos bradaõ**  
**Olhei, e viesses olhos,**  
**Affirino-lhe senhora Maria**  
**Elles seus olhos formozos**  
**Que no tôpe relluziaõ.**  
**Serenou-se a tempestade**  
**Appareceo o nõvo dia:**  
**Mas eu com os luzios em alvo**  
**Atrepo pella verga assima,**  
**E abraçando o mastaréo**  
**Estas palavras dizia:**  
**O' minha airora florente**  
**Affim tu mil annos vivas**  
**Naõ me escondas estes raios**  
**Com que as tromentas mitigas**  
**Ouve minhas soledades**  
**Naõ fujs de quem se fina'**  
**Para apertar-te em meus braços,**  
**Mas quando abraçar te hia**  
**Ouçõ rangir a madeira,**  
**E vejo que estalla a driça**  
**Dou com a rabaça no cesto,**

E fico de boca arriba.

Pa-smaraõ meus companheiros

Mas os gorometes se riaõ.

*Pix.* Contado do pôbrezinho

*Mar.* Vai mais longe a ladainha

*Pix.* Deixa-me a cabar a venda,

E fallaremos.

*Mar.* Sim menina.

*Desviaõ-se , e vai apregoando.*

*Pix.* En tenho gorazes frescos

Quem me chama ó raparigas ?

*Chama huma mulber , e diz :*

*Mulb.* O' senhora dos gorazes.

*Mar.* Quem me chama , ó lá decíma

Venha abaixo

*Mar.* Aqui espero.

*Pix.* Eu não falto que sou fina.

*Encosta-se o Marujo defronte do Estudante , e sabe a preta apregoando , e o preto seguindo-a*

*Preta.* Tenho bero mixiaõ

Quem compra para os cêa

*Preto.* O' mia mãi Casserina

Ouvi voffo doi fineza

*Preta.* Dexa-me pai Baciaõ

Que tero inda a cêa cheio.

*Preto.* Logo vos o vender turo

Quelo huns pouco de conversa

Põem vosso os cêa no chaó  
Façamo hum pouco de fêsa.  
*Preta.* O' lá plincipia tu  
Allia está no chaó o cêa  
*Preto.* Plincipia Cacelina  
Que mim logo te companhia.  
*Preta.* Tu Bacião saber cantáro  
Os moro de nollo terra.  
*Preto.* Cantaremos ambos nollo  
Com glacioza piesteza.

C A N T A M.

*Preta.* No noſſo forgamento  
Com muitos alegria  
*Preto.* Ai, dum, dum.  
*Preta.* Os Preto ter folia  
Elfazo mui contento  
*Preto.* Ai, dum, dum,  
Gorgoia goia.

*Em quanto os Pretos cantaõ, o Marujo  
lbe espirra.*

*Preta.* Passa fola blanco.  
Olha que mi te quebla os cabeça  
*Mar.* Vsi-te ladrar a huma horta.  
*Preta.* Que dizo.  
*Mar.* Passa cadella.  
*Preto.* O blanco desburguejado  
Naõ dizero o vosso asneira  
Que mim far preto varente

Que

Quem esse fucio te quebla.

*Mar.* Tô , tô , tô.

*Preto.* Olcaõ ten rabo  
Se vóllo tomo os gataira  
Va cozero.

*Est.* Temos bulha.

Pois a historia ha de ser fresca.

*Preto.* Os branco querem que mim,  
Lhe vai rancar os oreia.

*Mar.* Passa lá para Cassilhas  
Que vem chegando a Quaresma.

*Preto.* Toma Malujo atlevido.

*Preto.* Deixa que blar os cabeça.

*Mar.* Fora que os cães são de filla  
Passa esõ , passa cadella.

*Ambos.* Have nos enganato aqui.

*Est.* O' Paizinho isso he afneira.

Accommoda te ó senhor

Tenha prudencia

*Preto.* Leixa seoro Estudante

Que queblalhe os canera.

*Mar.* Vai esfollar ós cavallos  
Cachorro.

*Est.* Senhor prudencia.

*Mar.* Qual prudencia , vossê , e elle tudo  
Ha de ir n'uma poeira.

## S A H E A P I X E I R A .

*Pix.* Ora está quieto Manoel  
Sempre queres brigadellas

Vê , que estás para cazar.  
*Mar.* Ca hum nomeem não arres.

S A H E A F L O R E I R A

*Flor.* Senhor Escolastico , ouve  
Não ta meta com pendencias.

*Est.* O' caens , taluó me ao respeito  
Ha de levallas a breca.

*Flor.* Tenha maó.

*Est.* Estou picado  
Vou já traçando as beitas.

*Mar.* A mim que já fui a Indin  
Trez vezes , me tazem deltas.

*Pix.* O' Manoel , por tua vida  
Te peço que te não percas.

*Preta* Foge Bacião , que os blanco  
Os demo no tiipa beira.

*Preto.* Fujo , mas esta caraia  
Ere queblalhe os cabeça.

*Mar.* Larga me Maria , quero  
Partir com elles.

*Pix.* Soccega.

*Est.* Deixe me menina.

*Flor.* Espere  
E tanto fogo não tenha.

C A N T A M A Q U A T R O .

*Mar.* O' caens , o' caens são poucos  
Eu quero hoje brigar.

*Est.*

( 15 )

*Est. Se não me despica  
Não mostro o meu valor.  
Os dias. Senhor guarde o seu fogo  
Que lhe póde rebentar.  
E lhe será peor.*

F I M

---

L I S B O A,

Na Oficina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA:

Anno de M.DCC.LXXXIV.

*Com licença da Real Mesa Censoria.*

1872  
No. 2  
The  
Office  
of  
the  
Secretary  
of  
the  
War  
Department  
Washington  
D. C.

F. M.

---

J. I. B. O. A.

IN Obedience to the Act of Congress  
Approved August 10, 1846  
Containing the Report of the